

## “Nos llaman de noche los enfermos”: saberes mestiços sobre tumores (Província Jesuítica do Paraguai, Séc. XVIII)

“Nos llaman de noche los enfermos”: mestizo knowledge about tumours (Jesuit Province of Paraguay, XVIII century)

**Bernardo Ternus de Abreu**

Mestre em História

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

bernardoternus@gmail.com

**Recebido em:** 09/09/2021

**Aprovado em:** 19/11/2021

**Resumo:** No presente artigo, discutimos a ideia de uma espécie de medicina híbrida ou mestiça decorrente de trocas culturais que se forjaram no interior e nas proximidades de espaços reducionais da Província Jesuítica do Paraguai. O apontamento é decorrente de uma análise de textos medicinais escritos por missionários da região, cruzados com estudos de referência, com uma ênfase nas inflamações, tumores e cânceres, enfermidades estas que foram analisadas com um olhar mais detido. Consideramos que a produção científica sobre tumores é decorrente de uma multiplicidade de agentes.

**Palavras-chave:** jesuítas; indígenas; tumores.

**Abstract:** In this article, we discuss the idea of a kind of hybrid or mestizo medicine resulting from cultural exchanges that were forged in the interior and close to reduction spaces of the Jesuit Province of Paraguay. The appointment results from an analysis of medicinal texts written by missionaries from the region, crossed with reference studies, with an emphasis on inflammation, tumors and cancers, diseases that were analyzed with a closer look. We believe that scientific production on tumors is the result of a multiplicity of agents.

**Keywords:** jesuits; indigenous; tumors.

## Introdução

A atuação dos jesuítas na América platina remonta às primeiras décadas do século XVII, quando os missionários passaram a construir reduções e a efetuar um projeto que duraria quase dois séculos, e que envolveria diversos grupos étnicos, dentre eles, os Guaranis em maior número (NEUMANN, 2015). Orientados para a conversão das populações locais, os jesuítas instalaram colégios<sup>1</sup> nos quais prepararam os mais novos religiosos, bem como instruíram algumas pessoas da elite local, alfabetizando indígenas. Dentre as normas para a instrução dos jesuítas, se destacou a *Ratio studiorum*<sup>2</sup>, que definia como deveriam funcionar as instituições educacionais jesuíticas, e quais seriam as divisões disciplinares de natureza aristotélica, quais as práticas e quais fins teriam, a exemplo da “ética e da política, das ciências teóricas e da astronomia” (FELDHAY, 2000, p. 116). Pouco a pouco, a educação ofertada pelos missionários foi englobando mais e mais aspectos da experiência (ASÚA, 2011), nos quais se inseriram conhecimentos científicos, ampliando os estudos que eram muito importantes para os mais novos. A importância dos estudos científicos e também culturais em geral também foi atestada no texto das Constituições, posto que “aquele que sabia e compartilhava poderia contribuir para a ajuda do próximo, para o amor de Deus e para a salvação da alma” (FANTIN, 2010, p. 37)<sup>3</sup>.

Com o passar dos anos, a experiência prática dos noviços em hospitais, onde lidavam com conhecimentos de medicina, cirurgia e farmácia, passou a ser cada vez mais valorizada, e os colégios

---

<sup>1</sup>Os colégios eram centros administrativos da organização jesuítica, aos quais estavam subordinadas as casas e as reduções (FLECK, POLETTTO, 2019, p. 3). Atuavam, ainda, como centros de formação intelectual e de irradiação da cultura, e era neles que se dava a formação dos quadros da Ordem. Internamente, eles mantinham as suas próprias boticas, que serviam para abastecer a ordem e também a população local. Muitas delas se tornaram referência em ervas, unguentos, triacas, bálsamos e outros compostos vendidos nas proximidades e, posteriormente, para outras regiões americanas e, também, para a Europa.

<sup>2</sup>*Ratio* significa “plano” ou “ordem” ou “regra”, “razão”, podendo ser traduzida por Ordem e Maneira dos Estudos. O texto da *Ratio*, que foi publicado em 1599, deve ser compreendido como um conjunto de normas responsáveis por definir saberes que poderiam ser ensinados e condutas a serem assumidas, bem como um conjunto de práticas que permitiam a transmissão dos saberes e a incorporação de comportamentos, normas e práticas (FANTIN, 2010, p. 38).

<sup>3</sup>A orientação para o estudo estava presente nas Constituições, texto com a função de regular as atividades realizadas pelos missionários. Nelas, se valorizava o estudo e o conhecimento, a formação científica, moral, literária, filosófica e teológica (FANTIN, 2010, p. 37; ARNAUT, 2002, p. 108).

da Companhia passaram a contar com espaços como boticas e enfermarias. Ali, aprendiam na prática, e, os mais destacados eram escolhidos para aprender um ofício e nele se especializarem (FLECK, 2021), tais como cirurgia, botica ou enfermagem<sup>4</sup>.

Contudo, também os que atuavam em outras funções seriam indispensáveis para a atuação da Companhia: aqueles que detinham talento para ensinar – seja em nível elementar (*ad docendum*), tanto no âmbito superior (*ad legendas facultates*); aqueles com talento para a administração, que são ou de governo (*ad gubernandum*), ou de conselho (*ad consultandum*); aqueles que faziam as tarefas espirituais; a pregação (*ad condicionandum*); a confissão (*ad audiendas confessiones*); os talentos ligados à gestão dos bens e à organização da vida material da província (*ad negotia curanda, ad officia domestica*)” (CASTELNAU L’ESTOILE, 2006, p. 211). No caso dos irmãos que se dedicavam ao cuidado dos enfermos, cabia trazer-lhes alimentos, dar conselhos espirituais e administrar medicinas, proporcionando-lhes algum conforto, quando estivessem nas dependências dos colégios ou fora delas<sup>5</sup>.

A rotina dos missionários dedicados à assistência dos enfermos era, certamente, bastante dinâmica, e envolvia tanto os atendimentos nas enfermarias, boticas, colégios e dependências das missões quanto junto aos interiores, nas casas dos índios e em meio ao campo. Em 1720, o padre Francisco Retz ressaltou o papel de assistência dos enfermos:

Nos llaman con frecuencia de noche los enfermos. Pero no esperan los Nuestros siempre, hasta que se les llame, sino espontáneamente ofrecen sus servicios. Por lo general, se aprecia mucho esta asistencia a los moribundos por los hijos de la Compañía como ministerio predilecto, y casi todos llaman a un jesuita al morir, hasta los que en vida les eran contrarios (CA 1720-1730, 1994, p. 23).

---

<sup>4</sup>A partir de 1576, o papa Gregório XIII permitiu que os jesuítas atuassem em territórios onde não houvesse médicos (FLECK, 2021, p. 2), possibilitando um envolvimento maior no atendimento de doentes e a elaboração de receituários e matérias médicas. Dentre eles, estavam: Agustin de Almedina, Antonio Ruiz de Montoya, Antonio Sepp, Blás Gutiérrez, Esteban Font, Florián Paucke, Gaspar Suárez, Heinrich Peschke, Jaime Izart, José Jenig, José Sánchez Labrador, dentre outros. É importante considerar que as funções a serem desempenhadas pelos jesuítas tanto na Europa, quanto nas terras de missão decorria de uma espécie de política de talentos definida pela Companhia, que levava em consideração as principais habilidades de cada religioso. Da distribuição de funções dos missionários, os detentores da função *ad agendum cum proximis* - aqueles que cuidavam dos outros – eram os que atuavam nas artes de curar.

<sup>5</sup>Como aqueles envolvidos na gestão de bens e insumos eram responsáveis por garantir as provisões de alimentos, e aqueles que atuavam dedicadamente na conversão e confissão poderiam também ir até os enfermos, então é possível visualizar o envolvimento de cada um para o sucesso do todo, e, por conseguinte, para as artes de curar.

Ressaltando a importância dos missionários no atendimento dos enfermos, Retz também deixa à mostra o papel dos religiosos na salvação das almas daqueles que estavam adoecidos. Mas nesta dupla situação, de atender a doença instalada no corpo de um indígena e assegurar a salvação de sua alma, o que pensava o jesuíta? Qual seria a sua compreensão de saúde? Para eles, uma vida distante de pecados e pautada por um comportamento virtuoso assegurava uma vida saudável. O adoecimento, sob esta perspectiva, decorria de uma conduta inadequada, que demandava punição, ou, então, da vontade divina. Por esta razão, quando assistiam os enfermos, os jesuítas procuravam tratar não somente os achaques e feridas, as dores do corpo, mas, também, das doenças da alma. Os membros da Companhia se dedicavam com afincamento aos enfermos, pois a salvação espiritual era a sua vocação primeira, de modo que olhavam para “la salud de las almas con tanto fervor como si se tratara de salvar su propia alma” (FLECK, 2013, p. 363).

Vale lembrar que a cura através da invocação dos santos, da intervenção divina e, sobretudo, através de relíquias era algo corrente no Velho Mundo, tendo sido trazida para o Novo Mundo com as ordens religiosas encarregadas da evangelização e parcialmente incorporada através de complexas transformações. Mais do que restrita às ordens religiosas, o imaginário da magia era parte integrante de uma mentalidade mágico religiosa presente em distintas camadas das sociedades da Época Moderna, da qual diversas representações borbulhavam e eram compartilhadas, não estando necessariamente associadas à realidade (BETHENCOURT, 2004). Nos hospitais, as imagens de santos e do próprio Cristo eram afixadas nas paredes nos séculos XVI e XVII, sendo empregadas para curar as feridas do corpo como, igualmente, as da alma. Segundo Vigarello, haviam relicários do sangue sagrado que eram vendidos na Europa, e utilizados para tratar doenças (VIGARELLO, 2005, p.45).

Dentre os missionários jesuítas que se dedicaram às artes de curar na Província Jesuítica do Paraguai no início do século XVII, está Pedro Montenegro, que registrou sua experiência como

boticário no livro *Materia Médica Misionera*<sup>6</sup>, de 1710, no qual confidenciou ter se transformado em autor de botica pelo fato de que não havia boticários nas terras platinas. Movendo-se pela caridade e pelo Evangelho, tratou de escrever sobre as receitas com plantas que pudessem aliviar sintomas e tratar os enfermos (GESTEIRA, TEIXEIRA, 2009, p. 120). A descrição de plantas, com ênfase nas suas virtudes medicinais, foi o foco de sua narrativa, que descreveu o uso de medicamentos simples, feitos de uma só substância e, de preferência, com produtos americanos, como se pode observar na referência à planta Tayao<sup>7</sup>:

“esta planta crece en los lugares húmedos de Egipto, de India, y de Alexandria. Esta descripción conviene más propriamente a la Tayao Caraibo, que a la quarta especie; y así no es el Aro, aunque se le parece; ni tiene las malas qualidades del Tayao Caustico: es si el Aro egypciaco, el Melumb de Zeylan, y el Tayao comestible del Brasil, y Paraguay” (MONTENEGRO, 1710, p. 167).

Mas não só Montenegro dedicou-se ao cuidado dos enfermos ou ao preparo de medicamentos, desempenhando funções em enfermarias e boticas, como se pode constatar nas menções feitas nas *Ânuas* (1714-1765) ao uso de plantas medicinais juntamente com orações e santinhos, terços, água benta e relíquias, que evidenciam a percepção de doença e de cura dos missionários encarregados de converter os nativos. O registro extraído da Carta *Ânuas* de 1714-1720 deixa isto bem evidente: “Después puede comenzar la enseñanza religiosa, y seguir la administración de los sacramentos. Hay que cuidar a los enfermos, no sólo espiritualmente, sino también corporalmente, proporcionándoles medicinas, sangrándolos y hasta hacer operaciones cirúrgicas” (CA 1714-1720, 1994, p. 39)<sup>8</sup>.

O emprego de relíquias e a realização de orações antecipavam, neste caso, a sangria, que evidencia a apropriação dos pressupostos do humoralismo vigentes na época por parte dos

---

<sup>6</sup>FLECK, E. **Entre a caridade e a ciência:** a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII). – São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2014.

<sup>7</sup>Tayao, de nome taxonômico *Echinodorus grandiflorus*, é uma planta presente na costa sul do Brasil e em algumas regiões do Paraguai. (PEREIRA, NOELLI, CAMPOS, SANTOS, ZOCCHÉ, 2017).

<sup>8</sup>Quando atendiam um doente, os jesuítas conciliavam práticas que eram, ao mesmo tempo, médicas, isto é, recorriam ao uso de remédios, de cirurgias e sangrias; mas, também, espirituais, como o uso de relíquias, água benta e cruzes, por exemplo. (FLECK, 2014; VIOTTI, 2013).

encarregados de atender os doentes nas reduções. De acordo com a teoria hipocrático-galênica, a saúde estava associada ao equilíbrio de quatro humores que regiam os temperamentos, isto é, sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra, e as sangrias e purgas eram procedimentos terapêuticos empregados para equilibrar internamente o fluxo de humores nos indivíduos (BYNUM, 2013). A tradição humoralista-galenista levou boa parte dos médicos da época à uma reprodução das diretrizes propostas nos textos clássicos, da aplicação de sangrias e purgas, da cura através dos contrários, segundo a qual uma enfermidade quente era tratada com uma receita fria, e uma enfermidade fria com uma receita quente<sup>9</sup>, bem como uma enfermidade seca com uma medicina úmida, e uma enfermidade úmida com uma receita seca. Segundo Ivone Reis, o humoralismo previa a cura através dos contrários: existiram três tipos de temperamentos quentes: um no qual persistiam os contrários: o contrário de quente e úmido seria frio e seco (e vice-versa), o contrário de quente e seco seria frio e úmido (e vice-versa).

A ascendente prática do experimentalismo, distinta do humoralismo clássico, já vinha ganhando força no Velho Mundo, em decorrência dos trabalhos de novos empíricos como Rabelais, Garcia de Orta e Paracelso, “que promoveram mudanças na medicina, que convivia, no século XVI, com todo tipo de saber herbário e com os pregões de drogas oferecidas nos mercados” (CARNEIRO, 1994, p. 65). Para além dos saberes populares e da diversidade de plantas e drogas provenientes dos impérios coloniais, surgiram novos pressupostos, como, por exemplo, da iatroquímica, que propunha a cura através dos semelhantes, opondo-se, conseqüentemente, à cura através dos contrários. No Setecentos, observa-se a gradativa transposição do experimentalismo com plantas e animais para textos de Matéria Médica e de Medicina erudita, a despeito da continuidade do uso de remédios mágicos, como podemos encontrar nos tratamentos descritos nas Cartas Ânua (1714-1765)<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Para saber mais, ler o artigo da autora que possui uma imagem representativa (Cf. REIS, 2013).

<sup>10</sup> Para conhecer mais sobre esta transformação da medicina realizada no Paraguai, ver: (Cf. FLECK, 2006).

A formação jesuítica possuía uma certa abertura intelectual para as ciências<sup>11</sup> e, por isso, se entende alguns dos experimentalismos e investimentos feitos nas artes de curar. Ao longo do Seiscentos e da primeira metade do Setecentos, a necessidade de formar membros preparados espiritual e academicamente para a obra missional levou os missionários a centrarem-se no ensino, o que rapidamente se tornou uma das prioridades para os jesuítas, pois não bastava somente realizar a obra espiritual entre os nativos: era preciso formar, preparar, o que implicava treinamento e instrução. Poucas ordens religiosas “depositaram tão grande investimento nestas atividades formativas” (IMBRUGLIA, 2017, p. 6). Dos estudos experimentais realizados pelos jesuítas tanto na Europa, quanto nos territórios de missão dos impérios ibéricos, derivou-se um interesse cada vez maior pela natureza e uma consequente mudança na forma como os mesmos a viam, isto é, de algo formoso e maravilhoso para “uma natureza possível de ser entendida através de investigações” (KRIZOVA, 2019, p. 37)<sup>12</sup>.

No século XVII, coube, especialmente, aos irmãos coadjutores o conhecimento da fauna e da flora existente no entorno das reduções da Província Jesuítica do Paraguai (KRIZOVA, 2019, p. 43), mediante uma rigorosa observação e também do contato<sup>13</sup> com os nativos. Os textos científicos e etnográficos que resultaram destas experiências de contato intercultural acabaram por colocar os jesuítas como aqueles que detinham um controle e a posse intelectual das regiões em que viviam (HUFFINE, 2005)<sup>14</sup>. A produção de obras relacionadas com as artes de curar pelos jesuítas se

---

<sup>11</sup>Esta afirmação se justifica no fato de que um grupo de jesuíta dentre aqueles que atuaram na Província Jesuítica do Paraguai dedicou parte do seu tempo para a realização de observações e experimentações de cunho científico. A relação de alguns nomes e as áreas contempladas pelas investigações podem ser encontradas na obra *Science in Vanished Arcadia* (ASÚA, 2014).

<sup>12</sup>Este fenômeno insere-se em um longo processo forjado por uma noção renascentista de que o aprendizado não se dava somente pela memorização dos dogmas da Igreja, mas através da aprendizagem pela própria natureza. (FLECK, 2014).

<sup>13</sup>O conceito de contato é pensado a partir da noção de Mary Pratt, para quem o contato traz para o centro da discussão as fronteiras, enquanto que os centros homogêneos são deslocados para as margens. A partir desta perspectiva, o Ocidente passou a ser visto como algo construído de fora para dentro, e não de dentro para fora, a partir de trocas e contatos com os mundos asiáticos, africanos e americanos, que deixaram de ser secundários para se pensar a identidade ocidental. Desde os anos 70, o movimento do Orientalismo proposto por Edward Said batalhou por formas de entendimento político da Europa não como algo diferenciado e autêntico, mas construído a partir de contatos com outras partes do mundo (PRATT, 1999, p. 15).

<sup>14</sup>Dentre os autores jesuítas que se dedicaram a este tipo de descrição, podemos destacar Pedro Lozano, que nasceu em Madri, em 1697, e ingressou na Companhia de Jesus em 1711. Ele chegou à América em 1714 e, no ano seguinte, passou

inseriu, portanto, em um lento processo, auxiliando tanto na conversão, quanto colocando os jesuítas na condição daqueles que possuíam legitimidade para falar acerca do mundo natural local.

Empenhados em conhecer a natureza, os jesuítas se dedicaram a identificar as plantas, colher suas sementes e frutos, aprender a cultivá-las, estudar o seu cozimento e preparo, além de criar um sistema de classificação dos espécimes. Através de livros como a *Materia Médica Misionera* (1710), de Pedro Montenegro, e *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), de José Sánchez Labrador<sup>15</sup>, tomamos contato com o sistema de classificação que os jesuítas adotaram, tanto no período pré, quanto pós-divulgação daquela que foi proposta por Lineu. Após serem identificadas e classificadas, quer por indígenas, quer por padres, as plantas podiam ser utilizadas em aplicações médicas, considerando suas virtudes. Os historiadores Maria Silvia Di Liscia e Aníbal Prina (2002) apontam que os jesuítas reconheceram o grande arcabouço de conhecimentos botânicos dos indígenas, dedicando a eles uma escuta muito apurada e aberta, para “interrogar, averiguar, requerir a los especialistas, es decir, aquellos que durante siglos habitaron un sitio concreto, se alimentaron de sus plantas y animales y curaron con diversos medios sus enfermedades” (DI LISCIA, PRINA, 2002, p. 302).

E para que os receituários e tratados de botânica médica chegassem a outras reduções e colégios da Companhia, fez-se necessário o treinamento de índios copistas. Mas além de dedicarem-se às funções de cópia, reprodução de livros, imagens e gravuras com grande perfeição, alguns indivíduos foram alfabetizados e também compuseram obras com alta qualidade de escrita e ortografia (NEUMANN, 2005)<sup>16</sup>. A já citada *Materia Médica* (1710), do irmão Montenegro, por exemplo, circulou em versões manuscritas ao longo do século XVIII, “tendo sido impressa somente

---

a atuar como professor de Filosofia e Teologia em Córdoba, função que exerceu até 1724. Atuou como historiador da Província a partir de 1730, ocupação que exerceu até sua morte em 1752, na cidade argentina de Humahuaca. Deteve-se na descrição da natureza e das populações indígenas da Província Jesuítica do Paraguai, tendo mencionado, inclusive, a *Materia Médica Misionera*, e apresentado Montenegro como “um distinto e respeitável médico” (MOURA, 2019, p. 209). Além de Lozano, outros missionários jesuítas se dedicaram à descrição da flora e da fauna americana, como Florián Paucke (1719-1780), Thomas Falkner (1702-1784), Martin Dobrizhoffer (1718-1791) e José Jolís (1728-1790).

<sup>15</sup>Sánchez Labrador foi um missionário jesuíta que atuou na América platina do século XVIII e que possuía interesses por muitos campos, desde a geologia, a botânica, zoologia e o clima. Adotou uma visão científica no sentido moderno da palavra, e descreveu a natureza como um objeto útil e classificável através da investigação (FLECK, 2020, p. 69).

<sup>16</sup>Sobre as práticas de escrita guaranis, ver: (Cf. NEUMANN, 2009).



em 1888, por Ricardo Trelles, na Revista Patriótica Del Pasado Argentino” (FLECK; BIEHL, 2020, p. 2).

### **Bibliotecas e acervos envolvendo medicina mantidos pelos jesuítas**

Em espaços como as bibliotecas da Universidade de Córdoba, do Colégio de Nossa Senhora de Montserrat e do Colégio de Santo Ignácio, em Buenos Aires, livros estavam à disposição dos religiosos tanto para seu entretenimento, quanto para sua instrução<sup>17</sup>. Havia, com certeza, alguns em línguas vernáculas, mas, em sua maioria, eram livros em latim, o idioma da ciência no período (MOYA, p. 779-780). Sabe-se que alguns jesuítas recebiam, inclusive, provisões para comprarem livros e montarem bibliotecas particulares, sendo que dentre eles se encontravam livros de ciências, entre os quais havia livros de medicina, física e matemática (MOYA, 2012, p. 777-797).

A Companhia de Jesus foi vista, desde sua origem, como uma ordem de leitores e autores virtuosos (DE TEZANOS, 2014). A preocupação com uma boa provisão de livros levou o Padre Geral da Companhia de Jesus, R. P. Tirso González, a escrever ao Provincial no Paraguay, Ignacio Frías, no ano de 1699, solicitando que orientasse os Procuradores da Companhia a levarem consigo livros “que deveriam ser distribuídos aos estudantes, a fim de provê-los com leituras” (FURLONG, 1925, p. 469). Em 1716, por outro lado, o Provincial de Assunção escreveu ao padre Miguel Ángel informando que viu crescer de forma substancial “el numero de libros en nuestra biblioteca” (CA 1714-1720, 1994, p. 11).

As primeiras bibliotecas mantidas pelos jesuítas na América platina foram instaladas ainda no Seiscentos, a partir do pedido feito pelo bispo de Assunção ao Rei de Espanha, no qual ele manifestava sua insatisfação com o fato de que não havia livros em latim, de Arte e Teologia para o estudo dos noviços (FURLONG, 1933, p. 122). O ano era 1617 e o Padre Viana era um dos

---

<sup>17</sup>Este aspecto pode ser observado na passagem em que Francisco Retz, referindo-se à trajetória do padre Francisco Burgés, em Córdoba, informa que: “allí completó sus estudios de humanidades y ciencias sagradas” (CA 1714-1720, 1994, p. 6).

responsáveis por viabilizar a compra de livros, que eram um tanto quanto caros para os inicianos à época. Com a passagem dos anos, os acervos foram sendo abastecidos, como o da Biblioteca do Colégio de Córdoba, que, em 1730, “recebeu mais 700 novos livros comprados pelo Procurador Antonio Machoni através de fundos levantados junto a devotos” (C.A.1730-1735 In: PAGE, 2004, p. 309).

Por ser um colégio de referência, Córdoba possuía mais livros do que outros, mas havia a possibilidade de empréstimo de um colégio para outro. O Colégio de Santa Fé, por sua vez, contou com mais de seis mil livros no momento da expulsão, e o Colégio Grande de Santo Ignacio tinha dez mil volumes, “enquanto que as reduções e missões, trezentos a quatrocentos livros” (FURLONG, 1933, p. 124). Mas as bibliotecas não eram apenas espaços de acomodação de livros, pois nelas também podiam ser encontrados, em menor número, é verdade, tratados e receituários manuscritos que circulavam entre os colégios da Companhia e permitiam que os missionários tomassem contato com o que estava acontecendo nas outras terras de missão das áreas coloniais do Império espanhol.

Os inventários das bibliotecas dos colégios, realizados após a expulsão da Companhia em 1767, fornecem valiosas informações sobre o que se comprava, o que se lia e o que era utilizado na formação dos quadros da Ordem e o que, por exemplo, era ou podia ser consultado quando se tratava das artes de curar. Na biblioteca do Colégio de Córdoba havia oitenta obras ligadas diretamente às artes de curar, o que se alterava significativamente quando pensamos nas bibliotecas das reduções, como a de Apóstoles, cuja biblioteca contava com apenas um livro de medicina, a *Obra Medico Quirurgica* de Madame Fouquet (POLETTTO, 2014), citada, inclusive, no manuscrito *Libro de Cirugia*, que será analisado posteriormente. Este texto de seiscentas páginas, escrito na Província Jesuítica do Paraguai para circular entre as reduções e auxiliar na assistência médica como um guia (FLECK, 2020) é uma baliza acerca de algumas obras que foram consultadas e que os jesuítas

dispunham em seus acervos, posto que menciona em seu interior obras de autores europeus do período<sup>18</sup>.

Figura 1 – Quatro obras utilizadas no manuscrito platino

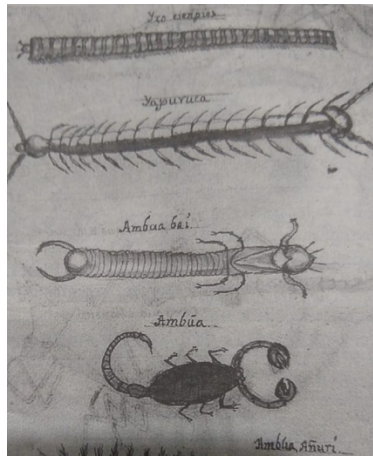


Fonte: Gallica, Google Books (2021). Adaptado pelo autor.

<sup>18</sup>Um exemplar da obra de Fouquet pode ser encontrada na Biblioteca Dr. Mamerto Esquiú, cujo acervo conta com outros tratados médicos que referem tratamentos para tumores, dentre os quais destacamos: *Medicina y Cirurgia Racional y Espargirica*, do licenciado Juan de Vidos y Miro (1699); *Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores*, de Diego Robledo (1694); *Breve Curso de Nueva Cirurgia Dedicado Al Serenissimo Señor Infante D. Antonio* por D. Antonio de Monrava y Roca, de 1728; *Curso Chimico*, de Nicolás Lemery (1721); *Exercitaciones anatomicas* de Don Blas Beaumont (1728); *Medicina Domestica ou Tratado Completo do Método de Precaver e Curar as Enfermidades com o Regime e as Medicinas Simples*, do médico Guillermo Buchan; *Tratado de las enfermedades más frecuentes de las gentes del campo*, por Mr. Tissot, doctor y catedrático de Medicina de la Sociedad Real de Londres, Imprenta de Pedro Marin, Madrid (1790). Também a obra *Opera Medico-Practica*, de Joh. Jacobi Waldschmidt; o *Tratado en el cual se explica la essencia y naturaleza de la enfermedad (que llaman landres)*, de Francisco Peres, publicado em Sevilha, em 1617. Cabe ressaltar que, no *Libro de Cirugía*, obra que nos deteremos mais detidamente nos próximos capítulos, são mencionados os autores Robledo, Fouquet e Vidos. A obra (1) *Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores*, de Diego de Robledo tem sua primeira edição em 1694, e a edição disponível no acervo de obras raras da Biblioteca Dr. Mamerto Esquiú data de 1735. Nele, encontramos um capítulo específico sobre tumores. Outro texto utilizado foi a obra (2) de Juan de Vidos y Miro, de 1709, que pode ter sido trazida para a Província Jesuítica do Paraguai por algum dos padres destinados a um dos colégios ou às reduções da região ou, então, adquirida pelo Procurador, personagem fundamental para o abastecimento tanto das bibliotecas, quanto das boticas. Vidos foi um licenciado em Filosofia, que atuou na Igreja Paroquial do Senhor São Pablo de Zaragoza, e que, apesar de não ter se formado em medicina, obteve uma licença para exercê-la. Recebeu críticas por condenar o uso excessivo de sangrias e mencionou algumas vezes os tumores em seu tratado. O frontispício da obra está no centro da imagem abaixo. Um terceiro texto citado no manuscrito foi a obra (3) *Curso Chimico*, de Nicolás Lemery, que não possui um capítulo específico sobre tumores, mas que menciona “tumores venéreos”, que são descritos como “cheios de humores ácidos” (LEMERY, 1721, p. 125). Ainda, um quarto texto utilizado no manuscrito foi (4) *Obras medico-chirurgicas* de Madame Fouquet, de 1685.

Muitas vezes, os jesuítas adaptavam receitas que prescreviam o uso de plantas europeias, como se pode constatar nesta passagem em que Montenegro observa que havia localizado outras duas espécies aquáticas da planta llanten silvestre, sendo que: “no desdican en nada de la estampa de Mathiolo, y Dios Corides, los cuales constam de las virtudes que ellos dicen” (POLETTO, 2014, p. 165). O interesse na descrição de animais e plantas por parte dos jesuítas se justificava não só pelo valor de conhecê-los, mas, também, pelos usos medicinais que cada um poderia ter. No *Libro de Cirugía* (1725), os insetos são usados para diferentes receitas, sendo que o “espírito de formigas” é empregado em emplastos<sup>19</sup>, utilizados em casos de tumores. Já no *Paraguay Natural Ilustrado*, de José Sánchez Labrador (1771-1776) chama a atenção o fato de ter apresentado os insetos nas denominações que recebiam dos indígenas, ressaltando sua indicação e preparo para o tratamento de certas doenças.

**Figura 2** – Insetos retratados na obra *Paraguay Natural Ilustrado*



Fonte: FLECK, 2015 apud LABRADOR, 1776, t. IV, l. III, p. 193.

---

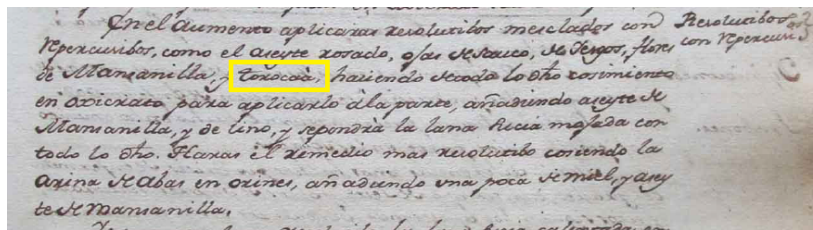
<sup>19</sup> “Emplastro consta rotura de pelo conforta la parte el aseyte de lagartijas, como el de orrnigas, ò qualiera de ellos principalmente el de lagartijas, muchos lo tubieron on tado la rotura dotos los días” (LIBRO, 1725, p. 403).

---

Plantas, insetos e outros animais nomeados em guarani nas três obras citadas são um indicativo das experiências de contato e de trocas vivenciadas por padres e irmãos na América platina e, sobretudo, da preocupação de que fossem reconhecidos por copistas e enfermeiros nativos encarregados de certas funções nas boticas e enfermarias. No capítulo sobre tumores do *Libro de Cirugía*, o autor-compiler refere a planta nativa torocaa, informando que podia ser usada, junto a outros medicamentos, para dissipar os tumores (resolutivos) quando houvesse crescimento da inflamação:

En el aumento aplicaras resolutivos mezclados con repercusivos, como el aseyte rosado, ojas de sauco, de Yesgos, flores con repercursivos] de Mansanilla, y torocaa, hasiendo de todo lo otro cosimiento en oxicato para aplicarlo a la parte, añadiendo aseyte de Mansanilla, y de lino (LIBRO, 1725, p. 366).

**Figura 3** – Menção à planta nativa no *Libro de Cirugía* (1725)

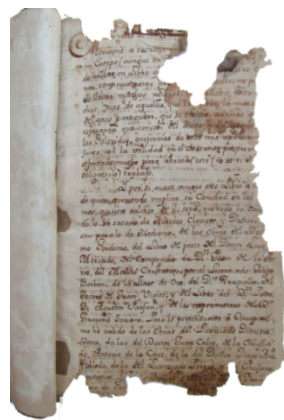


Fonte: ANÔNIMO, 1725, 366.

Estas três obras escritas ao longo do século XVIII atestam a produção de conhecimento médico, farmacológico e cirúrgico na América platina do Setecentos, o que nos possibilita refletir sobre a circulação e apropriação de saberes e práticas, tanto daqueles que constavam nos livros que compunham o acervo das bibliotecas dos colégios da ordem, quanto daqueles que foram assimilados a partir da observação da natureza e do contato com as populações nativas. No próximo tópico, ressaltamos a importância das bibliotecas que os jesuítas formaram no âmbito da Província Jesuítica

do Paraguai, destacando as obras de cirurgia e de medicina que estiveram à disposição dos missionários para consulta, sobretudo, daqueles que estavam encarregados das artes de curar. Destinamos, ainda, especial atenção ao *Libro de Cirugía*, manuscrito redigido na América platina, e que refere, em seu Prólogo, um bom número de obras que integravam o acervo de bibliotecas mantidas pela ordem jesuíta<sup>20</sup>.

Figura 4 – Frontispício do *Libro de Cirugía*



Fonte: ANÔNIMO, 2015.

De acordo o autor-compilador, o *Libro* deveria reunir conhecimentos teóricos e práticos em uma só obra, a fim de facilitar o acesso e o manuseio por parte dos encarregados das artes de curar (FLECK, BIEHL, 2020). A divisão dos capítulos do manuscrito observou as partes do corpo

---

<sup>20</sup> Considerando, especificamente, o *Libro de Cirugía*, no seu Prólogo encontramos a informação de que seu autor e compilador consultou as obras de Andrés Fernández Laguna; Pedro Andrés Mathiolo Senense; Plínio; Cláudio Galeno; Felipe Borbon; Domingo Trapiella y Montemayor; Pedro Francisco Castellón; Jerónimo Soriano; Dioscórides; Diego Antonio de Robledo; Hipócrates; Manuel de Porres; Augustin Farfán e Bernardo de Gordônio (FLECK, BIEHL, 2020, p. 18). Das obras acima mencionadas, localizamos apenas quatro delas na Biblioteca da ordem franciscana em que foi localizado o manuscrito – tendo sido elas descritas anteriormente – o que, efetivamente, não significa que outras não tenham sido acessadas pelo autor-compilador anos antes do decreto de expulsão da Companhia de Jesus, que não somente inventariou, como também dispersou os acervos das bibliotecas.

humano, precedidas por um capítulo introdutório de preparação de químicos e receitas que se aplicavam em todas as demais partes. Os capítulos apresentam delimitações, a exemplo do capítulo das “Enfermedades de la cavidad abdominal”, que compreende o estômago, o pâncreas e outras partes do corpo. Há uma tabela dos horários do nascer e do pôr do Sol nas reduções, de acordo com o mês do ano. São citadas vinte e duas reduções jesuítico-guaranis da região, com seus respectivos graus de latitude. No “Dispensatorio Medicinal”, encontramos a apresentação de diferentes tipos de emplastos, tais como os brancos, metálicos, emplastos de *albayalde*, de litargirio, unturas, bem como de infusões e o modo de utilizá-las, além do uso de cataplasmas, que devem ser pressionados sobre a área a ser curada para que seu efeito seja mais profundo e duradouro.

Tratando de uma anatomia mais de superfície, o autor-compiler dedicou algumas partes a cavidades e órgãos internos, mencionando tanto a anatomia muscular quanto a esquelética. Porres se detém nos tratamentos de paralisias e derrames cerebrais, indicando o uso de vomitivos, purgas e remédios que pudessem incitar espirros no enfermo (LIBRO, 1725, p. 185). O autor-compiler do manuscrito indicou a *ysica* do Paraguai para tratar dos nervos, bem como vomitivos, mercúrio, extrato da planta *junipero* e formigas para a preparação de uma bebida. No capítulo “Enfermedades de la cabeza”, foram mencionadas diversas plantas nativas, tais como *yacare*, *caapitã guasu*, *caanambi*, *caabera ricue*, *ybopermiri*, *yacare* e *caayci* (LIBRO, 1725, p. 215-217). A menção às plantas em guarani aponta para a troca de saberes com os indígenas locais, sendo que este conhecimento “es apresado por los misioneros, puesto en forma escrita y luego en circulación en otros ámbitos, llegando a lectores insospechados” (DI LISCIA, 2002, p. 314).<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> As asma, pleurises e demais acometimentos do trato respiratório foram abordadas no capítulo “De las Enfermedades del Pecho”. Nele, encontramos que o azufre com vinho branco era indicado para a asma, enquanto que, para as inflamações nas pleuras, eram utilizados remédios eméticos ou vomitivos (LIBRO, 1725, p. 225). Para o tratamento das dores de estômago, há a indicação de medicamentos à base de cravo, canela, noz-moscada e anis, bálsamos e caldo de marmelo, empregados com o objetivo de reequilibrar o trato estomacal (LIBRO, 1725, p. 239). Cólicas podiam ser tratadas com cascas de laranja, cravo e vinho branco, enquanto que pedras na bexiga podiam ser administradas com folhas de salsa, folhas de parietaria, agrião e regaliz (Ibid, p. 289).

### Práticas mestiças no tratamento de tumores

O manuscrito platino *Libro de Cirugía*, cuja autoria é desconhecida, traz informações sobre tumores e cânceres<sup>22</sup> em seu capítulo anexo, *Libro 2º de cirugía de los tumores en general*. Ao longo de sua extensão, apresenta sangrias, purgas, emplastos e preparados medicinais, de influência hipocrático-galênica, iatroquímica e também atravessados por influências nativas, misturadas ao longo das experiências de contato vivenciadas pelos missionários no contexto do Novo Mundo. No Setecentos, os cânceres eram inflamações, massas duras decorrentes de pancadas, feridas e más-disposições, ulcerações e conseqüências de más punções, chagas que podiam levar a escorrimentos de sangues (MUKHERJEE, 2011).

**Figura 5** – Gravura do pintor holandês Romeyn de Hooghe retratando uma mastectomia realizada em 1667



---

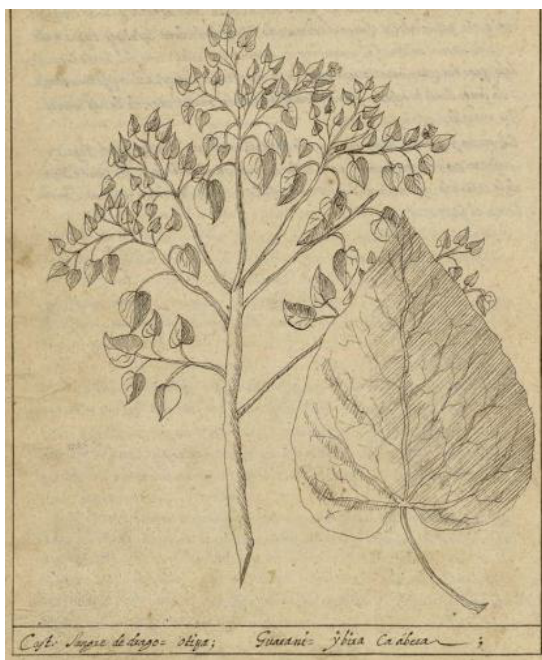
<sup>22</sup> Provavelmente, uma das palavras mais associadas a tumores e cânceres ao longo da historiografia médica foi o termo “escirro”. Definidos por Galeno como resultado do acúmulo de humor denso e lento, causados por congestão de bile negra ou melancolia. Quando fosse de natureza aguda, podiam ocorrer ulcerações no escirro, isto é, rupturas da pele, feridas (DE MOULIN, 1980, p. 7). O diagnóstico implicava na avaliação da dureza e aspecto disforme ou estranho, e se ulcerados, a existência de maior dor. O tratamento era feito com medicações resolutivas, compostas por unguentos diversos, aplicadas para amolecê-lo. As purgas eram recomendadas em escirros. Para purgar, era recomendado o uso de uma bebida feita a partir do cozimento de polipódio.



Fonte: MOULIN, 1980, p. 28.

Conforme o *Libro de Cirugía*, para estancar sangramentos nasais ou genitais, recomendava-se uma receita que utilizava a planta *ybira caabeza* ou sangue drago, em espanhol (LIBRO, 1725, p. 408). Para utilizá-la, era preciso espremer até ela virar um suco, ao qual deveria ser adicionado vinagre, ou também podia ser aplicada em forma de bálsamo sobre o local. É plausível supor que esta planta pudesse ser também utilizada nos escorrimentos de sangue em casos associados a tumores, cânceres e ulcerações. A planta *ybira caabeza* foi ilustrada pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, conforme a figura abaixo:

**Figura 6** – Planta Sangue de Drago (*Ybira caabeza*)



Fonte: MONTENEGRO, 1711.

No manuscrito, o autor-compiler indica que o prognóstico deveria ser feito através da avaliação das possibilidades de ação sobre um tumor, bem como de seu estado atual, o que envolvia ver a sua extensão e profundidade, examinando o membro e superfície: se ele fosse grande e profundo, teria um “prognostico peligroso, por que gran enfermedad” (LIBRO, 1725, p. 364). Após o prognóstico, o médico ou cirurgião deveria conversar com o paciente, bem como observava o seu comportamento, visando identificar se havia algo correlacionado ao tumor: febres, suores, vômitos e outros processos que pudessem intervir na sua constituição. O tratamento dos tumores envolvia, pois, a atenção também a outros sintomas mencionados pelo paciente. Se ele(a) estivesse acometido de um tumor e estivesse febril, recomendava-se tratar o tumor com um cataplasma sobre o local, com cirurgia ou sangria, mas, ao mesmo tempo, enquanto que a febre deveria ser tratada com a ingestão de uma bebida feita a partir de folhas trituradas de pimenta (LIBRO, 1725, p. 302), chamada de *molange* pelos guaranis.

Em um trecho referente ao tratamento de um tumor, erisipelas, o autor-compiler do manuscrito utilizou para consulta a obra de Felipe Borbon. Para obter informações mais precisas sobre como proceder na preparação de cataplasmas, receitas muitíssimo eficientes, o autor recomendou: “cataplasma hecho con seuollas cosidas debaxo de las brasas e incorporadas con manteca de puerco, y leadura vieja. El med. Car. Pag. 218.” (LIBRO, 1725, p. 367). Como havia referência à página, de número 218, da obra *El Médico Caritativo*, foi possível verificar que, no subcapítulo “De los tumores impuros”, Borbon descreveu sua receita de forma bastante similar. Ali, os bubões e parótidas eram tratados com medicamentos atrativos, como os cataplasmas, “hechos con seuollas...”. Mais uma evidência de apropriação pelo autor-compiler do manuscrito.

No tópico que se refere ao tratamento de erisipelas, encontramos novamente mencionada a obra de Felipe Borbon, que recomenda o uso das sangrias: “En la erisipela dice el Med. Car. Pag. 223 La sangria en el principio, y aumento, es nesessaria, y tambien la dieta refrigerante, y umectante, como son los caldos, y el oxicrato y el suero claro” (LIBRO, 1725, p. 368). Curiosamente, houve uma modificação em relação ao texto original da obra de Borbon, embora sem alteração de sentido: “En

la erisipela, la sangria en el principio, y aumento es necesaria, y tambien la dieta refrigerante, y humectante, como son los caldos, y el oxicato, y la leche clara”. A mudança revela uma prática de preparação medicinal que se modifica no contexto cultural platino, no contato de diferentes agentes, indígenas, jesuítas, viajantes, comerciantes.

A Província Jesuítica do Paraguai, assim como outros espaços no Novo Mundo e no Oriente, eram centros de produção de conhecimentos, produzidos a partir de trocas culturais e viabilizados através de redes mercantis de trânsito de mercadorias, pessoas, objetos e saberes. As trocas culturais implicavam modificações em ambos os sentidos, e no caso platino, diversos agentes foram participantes em circuitos que envolveram as artes de curar, a farmácia, a botânica, a cirurgia e a medicina. Sendo assim, cada local tem condição de ser centro em uma rede de conexões, nas quais as relações são fluidas e há importância das relações para a construção de conhecimentos científicos (SIVASUNDARAM, 2010).

As práticas medicinais e científicas sempre existem em um ambiente local, o que nos leva a questionar as noções de centro e periferia nas ciências (KETTLE, MIRANDA, 2015). Ao mostrarmos, a seguir, alguns indicativos de que a medicina realizada na Província possui dinâmicas locais, e abarcando também tradições científicas que não a europeia, percebemos misturas, culturas híbridas, embora o tratado de cirurgia esteja amparado em bases hipocrático-galênicas. No caso dos tratamentos de tumores com mel, isso pode ser particularmente percebido quando a Diego de Robledo é mencionado no *Libro de Cirugía*: o oximiél foi descrito como uma mistura responsável por tornar sutis as matérias e por expurgá-las do corpo: “por topicos aplicarás, quando ellas estan producidas, resolutorios compuestos de raiz de dragonica menor, y de brionia, herviran en oximiél, hasta consistencia de puches, y a una libra destas raizes, passadas por tamiz, mezclaràs una onça de azufre vivo en polvo” (ROBLEDO, 1687, p. 228). O oximiél foi usado no *Libro*, com uma parte de mel e outra de vinagre. Guillermo Furlong, que estudou os jesuítas, mencionou que eles aprenderam a cultivar o mel com os indígenas para fins de consumo e medicinal, de modo que a parte do vinagre da preparação de oximiél poderia ser obtida com os barris de vinho trazidos pelos Procuradores nas embarcações, tramitando por diferentes agentes. A circulação, contudo, não implica mobilidade de

objetos, mas trocas duais operadas em fronteiras, espaços de contato, de fortificação de relações – pois distantes das metrópoles, onde a cor local tende a aparecer, sobretudo na atividade científica.

Segundo Cíntia Rosso, os indígenas tobas utilizavam o mel sobre inflamações nas gengivas e dentição, sendo esta uma prática tradicionalmente empregada (ROSSO; CELESTE, 2010). Considerando o trânsito e as relações estabelecidas entre grupos indígenas distintos, bem como com os missionários e hispanocriollos, não é possível saber se o uso medicinal do mel por parte dos jesuítas relatado no tratado médico-cirúrgico é decorrente de um saber já empregado no Velho Mundo, ou se sua origem é ameríndia. Especula-se, contudo, que tenha sido um saber mestiço, produzido entre uma série de agentes<sup>23</sup>. Nas multiplicidades de encontros<sup>24</sup>, culturas com noções “brutalmente distintas de corpo, com cosmovisões heterogêneas, podem ter se misturado, bem como com influências asiáticas e africanas” (CUETO, PALMER, 2016, p. 44).

Sobre as trocas de saberes, a cirurgia foi uma prática realizada no interior das missões e que contou com a atuação de indígenas, que tocavam nos corpos com uma maior recorrência do que os jesuítas. Nestas convivências entre jesuítas e indígenas reduzidos, ocorreram trocas de saberes e

---

<sup>23</sup>Sobre as diferentes funções realizadas por diferentes agentes das artes de curar, haviam aquelas que cabiam a um cirurgião, uma vez que nosso maior interesse residia em identificar e discutir evidências de que os jesuítas se dedicaram à cirurgia. Considerando a hierarquia dos ofícios das artes de curar, existia o médico ou físico, responsável por diagnosticar e receitar medicamentos, e que não tinha tanto contato com o sangue e com a carne; o cirurgião, que intervinha no corpo enfermo, assim como o barbeiro sangrador; e, por fim, o boticário, responsável por preparar medicamentos (FIGUEIREDO, 1999, p. 2). A medicina era uma das artes liberais, detentoras de prestígio social, enquanto que, abaixo delas, estavam as artes mecânicas, nas quais se inseriam cirurgiões, barbeiros e boticários (LE GOFF, 2004, p. 298). Os cirurgiões realizavam punções e sangrias, utilizavam ventosas, dominavam um instrumental de trabalho composto por navalhas e lâminas, cortantes e afiadas, indicavam remédios e vendiam talismãs. Na prática, a delimitação quanto a onde terminava o trabalho de um e onde começava o trabalho do outro não era muito clara, pois havia um trânsito muito grande entre as práticas exercidas pelos profissionais que se dedicavam às artes de curar.

<sup>24</sup>A participação dos Procuradores da Companhia de Jesus como atores na produção de conhecimentos, decorrente de processos de comunicação e de reformulação de noções, bem como de trocas mercantis e de estabelecimento de conexões, pode ser encontrada nos artigos de: GRAMATKE (2019), GAUNE, RIQUELME (2020) e TERNUS-ABREU (2020). Eles teriam sido sujeitos de fronteira, sobretudo por serem encarregados de ir à Europa a fim de realizar as compras para a Província Jesuítica do Paraguai iam à Sevilha, onde tinham contato com o procurador local das Índias, que estava familiarizado com a burocracia, recebiam e repassavam algumas quantias, viabilizavam o embarque dos novos missionários e liberavam navios de carga para que eles viessem ao Novo Mundo. Muitas vezes, os procuradores contatavam agentes coloniais funcionários da Casa de Contratación. Este órgão, com sede em Sevilha, foi uma instituição envolvida no trânsito de produtos para a América. Atuando como uma espécie de câmara de comércio responsável pelos assuntos no exterior, ela foi fundada em 1503, para regular o comércio com as colônias da Espanha, controlar o tráfego de passageiros, selecionar novos navegantes, testá-los e inspecionar embarcações (GRAMATKE, 2019, p. 164).

mestiçagens. No caso do corpo feminino enfermo, quem tocava eram mulheres indígenas, em maior recorrência do que padres jesuítas, orientados para evitarem, ao máximo, a proximidade com o feminino<sup>25</sup>.

## Considerações finais

Neste artigo, para além de meramente discutir as atividades desempenhadas pela Companhia nas artes de curar, propusemos a ideia de uma medicina mestiça realizada em uma zona de contato<sup>26</sup>, atentando para o caráter local das ciências desenvolvida em contextos amplos, tal como no Velho Mundo, no Oriente e no Novo Mundo. A existência de tratamentos para inflamações que envolviam recursos terapêuticos similares por parte de um grupo nativo e por parte de missionários, expressa um tipo de espelhamento medicamentoso que pode denotar trocas impossíveis de serem descritas em seu ponto de origem, decorrente de experiências de convívio que parecem indicar que os jesuítas aprenderam a tratar tumores com os indígenas e não somente através dos protocolos europeus e a formação empírica em colégios e hospitais. Nesta zona de contato, diversos atores foram responsáveis por produzirem conhecimentos, decorrentes de agências múltiplas: indígenas, missionários, hispanocriollos, parteiras, mas, nos casos do mel e de outros recursos, não é tão fácil de mapear todos os participantes. Contudo, como J. Secord aponta, as práticas científicas envolvem práticas de comunicação, de popularização de modos de fazer, o que parece estruturar bem diversas receitas com plantas, mel, emplastos e outros recursos que deram sustento a terapêuticas de tumores que envolveram diferentes sujeitos, em distintos espaços platinos.

---

<sup>25</sup> As anciãs indígenas dispunham de saberes mágico-curativos, realizavam os partos e transmitiam oralmente diversos tratamentos para enfermidades. Em obra do jesuíta Dobrizhoffer, ele mencionou que os jesuítas aprendiam com as indígenas sobretudo na região do Chaco. Os mesmos as viam de forma bastante pejorativa devido ao hábito de andarem com os corpos descobertos, ato que deveria ser “corrigido” com o uso de vestimentas segundo a “mentalidade” dos missionários (VITAR, 2015, p. 3).

<sup>26</sup> As zonas de contato são espaços sociais nos quais culturas diferentes se encontram, se colidem e modificam umas às outras, muitas vezes em relações assimétricas de dominação e subordinação, tais como o colonialismo. Nestes espaços, ocorrem transculturações, inclusive no campo das práticas médicas que se forjam e consolidam. Em outros termos, a zona de contato pode ser vista como pontos de intersecção onde sujeitos são vistos como linhas que se cruzam e se afetam (PRATI, 2008).

## Fontes e bibliografia

### 1. Fontes impressas e manuscritas

**CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY – 1714-1762.** Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, Versão Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, [1927], 1994. p. 23.

FLECK, E. **As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: um estudo do Paraguai Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776).** São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2015. 590p.

**Libro de Cirugía, 1725.** (2014 [1725]). Colección Manuscritos. Archivo Histórico de la Provincia Franciscana de la Santísima Virgen del Río de la Plata. Buenos Aires: Ediciones Castañeda.

**Listas de remessas de navios.** Archivo General de Índias (AGI). In: GRAMATKE, C. 2019. **La portátil Europa.** Der Beitrag der Jesuiten zum materiellen Kulturtransfer. In: EMMERLING, E. GRAMATKE, C: Die polychromen Holzskulpturen der jesuitischen Reduktionen in Paracuaría (1609–1767), 2019.

MONTENEGRO, Pedro. **Libro primero de la propiedad y virtudes de los árboles y plantas de las misiones y provincia del Tucumán, con algunas del Brasil y del Oriente** [Manuscrito], compuesto por el hermano Pedro de Montenegro, de la Compañía de Jesús, año de 1711, en las Misiones del Paraguay. Portal da Biblioteca Digital Hispânica. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1>>.

\_\_\_\_\_. **Materia Médica Misionera.** Buenos Aires: Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1945.

ROBLEDO, Diego de. **Compendio Cirurgico util y provechoso a sus profesores.** Navarra, 1735. p.64-133.

### 2. Referências bibliográficas

ASÚA, M. **Science in Vanished Arcadia: Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Rio de la Plata.** Editorial Brill: Holanda, 2014.

BETHENCOURT, F. **O imaginário da Magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI.** São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

BOUMEDIENE, S. Jesuit recipes, Jesuit receipts: the Society of Jesus and the introduction of exotic materia medica into Europe. **University of London Press: Institute of Latin American Studies,** 2020.

- CAMINHA, V. **Boticas jesuítas e o saber médico farmacológico: circulação, conhecimento, rede e poder na época moderna.** São Paulo: Dialética, 2021.
- DE MOULIN, D. **A short history of breast cancer.** Dordrecht: Springer Netherlands, 1989.
- DI LISCIA, M. S. Saberes, **Terapias y Prácticas médicas en Argentina (1750-1910).** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2002.
- FECHNER, F. Las tierras incógnitas de la administración jesuita: toma de decisiones, gremios consultivos y evolución de normas. **Historica**, XXXVIII.2, 2014: 11-42. p. 32.
- FLECK, E. **Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII).** São Leopoldo, RS: Editora Oikos, 2014. v. 300.
- FURLONG, G. **Los jesuitas y la cultura rioplatense.** Buenos Aires, 1994.
- HADDAD, T. Filósofos naturais do demônio: astronomia, alteridade e missionação no sul da Índia, século XVII. **Revista de História da Unisinos**, v. 18, p. 3-14, 2014.
- LONDOÑO, F. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n.43, 2002.
- MARTÍNEZ-SERNA, **Procurators and the Making of the Jesuits Atlantic Network.** In: BAILYN, B.; DENAULT, P. Soundings in Atlantic history: latent structures and intellectual currents, 1500-1830. Harvard University Press, 2009.
- MARTÍNEZ-SERNA, **Procurators and the Making of the Jesuits Atlantic Network.** In: BAILYN, B.; DENAULT, P. Soundings in Atlantic history: latent structures and intellectual currents, 1500-1830. Harvard University Press, 2009.
- MOYA, B. Ideas, lecturas y circulación de saberes. Bibliotecas del Tucumán del siglo XVIII. **Miradas desde la historia social y la historia intelectual**, 2012.
- MUKHERJEE, S. **O Imperador de Todos os Males: uma biografia do câncer.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- OBERMEIER, F. **Bibliografia rioplatense colonial 1554-1580.** 2019.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- RAJ, K. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. **Cultura Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 24, 2007.
- RIQUELME, J.; GAUNE, R. La bitácora de um procurador jesuita. La construcción documental de un viaje atlántico (Santiago-Madrid, 1694-1709). **INTUS-LEGERE HISTORIA**, 2020, Vol. 14, N° 2, pp. 194-232.

SIVASUNDARAM, S. *Sciences and the Global: On Methods, Questions, and Theory*. 2010. **Isis**: University of Chicago Press.

VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da Renascença às Luzes**. Volume 3. Editora Vozes, Petrópolis. 2005.